



OLOF WAHLGREN AO «TEMPO»:

«Vitória da liberdade»

Na sequência da sua participação na 20.ª Conferência Geral da UNESCO, que terminou há uma semana em Paris, passou por Lisboa o Presidente do jornal sueco «Svenska Dagbladet» de Malmo, sr. Olof Wahlgren, antigo Presidente do International Press Institute até à Assembleia realizada na Austrália no princípio deste ano, e actual Secretário-Geral da FIEJ — Federação Internacional dos Editores de Jornais e Publicações, organização que dispõe de um estatuto consultivo junto da UNESCO.

Como é do conhecimento público esta reunião da UNESCO caracterizou-se pela votação de uma importante declaração sobre comunicação social, aprovada por aclamação depois de longas horas de negociações entre o bloco ocidental e os países do Terceiro Mundo e

considerada pela representante de Portugal junto da UNESCO, Maria de Lurdes Pintassilgo, como «uma etapa no caminho que conduzirá a uma nova ordem na Informação».

Convidado por nós a manifestar a sua opinião acerca do documento agora aprovado, Olof Wahlgren começou por nos referir «o **desacordo inicial entre os dois blocos em confronto na Conferência, o bloco ocidental e o bloco soviético, ambos defendendo dois conceitos distintos quanto à liberdade de informação**». Da parte do bloco ocidental insistiu-se na defesa intransigente da livre circulação das notícias sem interferência de qualquer espécie por parte dos governos ou de representantes seus. Da parte do bloco soviético continuou a registar-se a defesa da tese de que o Estado pode,

em determinadas circunstâncias, ter uma palavra a dizer sobre a divulgação de determinadas notícias, o que, na prática, se saldaria pela imposição, na maioria dos países, da verdade oficial sobre a verdade dos factos, ou seja, a formalização, de uma liberdade de imprensa «**criada**», totalmente à mercê das arbitrariedades do poder instituído.

«**A ser aprovada a declaração da política dos mass media proposta pelo bloco soviético**, declarou-nos Olof Wahlgren, **fornecer-se-ia um alibi para que todas as ditaduras do Terceiro Mundo suprimissem, pura e simplesmente, a liberdade de imprensa, acabando por a informação passar a depender do controlo directo do Estado e do Governo. O bloco ocidental, o IPI e o FIEJ, acrescentou, bateram-se fe-**

rozmente para que a tese soviética não fosse adoptada, porque isso representaria a alteração de toda a política de informação no Mundo».

A luta este ano travada remonta já à última reunião da UNESCO, realizada há dois anos em Nairobi, onde a luta pela aprovação deste tipo de texto já rejeitada, sem, contudo, se ter conseguido aprovar uma declaração de tipo ocidental, favorável à completa circulação e divulgação das notícias.

«Logo no início desta Conferência, explicou-nos Olof Wahlgren, ficou claro que havia três desenvolvimentos possíveis para os trabalhos. Em primeiro lugar uma enorme confrontação entre o bloco ocidental, por um lado, e os países do Terceiro Mundo e os alinhados, por outro, até porque a

maior parte deles são ditaduras. Em segundo lugar havia a possibilidade de ter de se esperar mais dois anos até à reunião de Belgrado.

Em terceiro lugar substituiu a possibilidade de um acordo de compromisso entre os países ocidentais e os países não alinhados, que constituem, neste momento, a maioria da representação, com 112 Estados. Graças ao «**lobbying**» desenvolvido, acrescentou Wahlgren, a uma enorme luta travada nos corredores, o resultado final do debate saiu-se pela aprovação de uma declaração de certa forma de compromisso, apolando a livre circulação das notícias, sem qualquer referência aos Estados e aos governos, e mencionando-se, até, por diver-

sas vezes, a Declaração Universal dos Direitos do Homem, graças ao apoio de última hora dado pelos países terceiro-mundistas às posições ocidentais. Este acordo, que resultará numa nova ordem internacional para a informação, salientou o Secretário-Geral da FIEJ, vem comprometer os países ocidentais num maior equilíbrio na troca de informação com os países terceiro-mundistas e não alinhados, além de uma maior prestação de assistência técnica, aos jornais e aos jornalistas, facilidades de vária ordem destinadas a melhorar a estrutura informativa, novos investimentos para maquinaria, tudo isso destinado a criar um esquema global que os habilite, a médio prazo, a informar posteriormente o mundo ocidental



de Imprensa»

acerca dos seus problemas.

Quisemos saber o que achava Olof Wahlgren acerca da consenso encontrado nesta sessão, nomeadamente acerca das possibilidades que o mesmo oferece para um entendimento futuro entre os países ocidentais e os países do terceiro mundo. A esse respeito, o Presidente do «Svenska Dagbladet» manifestou-nos a opinião de que «o acordo a que agora se chegou não representa, infelizmente, uma identidade de pontos de vista definitiva» e apontou-nos, até, a nomeação de uma comissão de 16 membros que preparam neste momento um documento interino sobre um estudo acerca da situação que actualmente se verifica no mundo e cuja apresentação, no decorrer da próxima Conferência Geral da UNESCO, a realizar em Belgrado dentro de dois anos, constituirá, no entender de Olof Wahlgren, «uma nova luta». Este documento em forma de relatório está agora a ser enviado para cada um dos Governos dos países membros da UNESCO e para a FIEJ para que cada um elabore comentários acerca do mesmo. A «nova luta» a que Wahlgren se refere diz respeito à necessidade de fazer com que o documento final aprovado não constitua de alguma forma um retrocesso em relação ao que agora foi aprovado, não permitindo, nomeadamente, que no futuro venha a ser posta em causa a independência dos meios de comunicação social em relação aos Governos e ao Estado.

Ao ter-lhe sido perguntado quais as consequências principais que po-

deriam advir para os países onde já existe liberdade de informação se tivesse vencido a tese soviética, Wahlgren declarou-nos que, «além de pôr em perigo o tradicional liberalismo praticado no Ocidente, essa eventualidade acarretaria sérias dificuldades para, por exemplo, as dezenas de agências que operam em todo o mundo, nomea-

damente nos países onde existem ditaduras, e que veriam a objectividade da sua informação posta em causa, uma vez que os Governos locais disporiam de um instrumento legal internacional, para exercer toda a espécie de pressões e de censura sobre os seus despachos para o Ocidente. Seria, em suma, afirmou-nos, o perigo de

um grande desequilíbrio para todo o sistema de informação actualmente praticado, ou, por outras palavras, o reino das trevas a sobrepôr-se ao reino da luz e da verdade».

A concluir, Olof Wahlgren declarou que a luta da FIEJ e, de uma forma mais lata, a da UNESCO, é de promover a verdadeira liberdade de im-

prensa, independentemente das questões ideológicas ou políticas. E deu-nos o exemplo da solidariedade verificada com o «caso República» em 1975, a qual se verificou, como salientou, por solidariedade com uma causa que era a da liberdade de imprensa e não pelo facto de o director do jornal ser o socialista Raúl Rego. O exemplo do jornal República

serviu ao nosso interlocutor para realçar o papel actualmente desempenhado pela imprensa independente portuguesa e apoiar o progressivo descomprometimento do poder político com a comunicação social, única possibilidade, no seu entender, de se conseguir uma imprensa verdadeiramente livre e democrática em Portugal.

Fundação Cuidar o Futuro